

## Problemas de memória

João César das Neves

Hoje não é possível falar publicamente de religião sem se ser imediatamente mal-interpretado, distorcido e atacado. Quando, por exemplo, se aponta a evidência da secular presença do Cristianismo na nossa cultura, é-se logo acusado de querer reacender as fogueiras inquisitoriais. Afirmar o papel central das instituições da Igreja em Portugal é necessariamente visto como defesa de privilégios escandalosos para organismos sinistros. Insurgir-se contra as leis de menosprezo da família é logo tido como ordem para prender homossexuais e castigar divorciados. Uma pessoa que afirme as suas convicções políticas, sociais ou desportivas é um cidadão; alguém que declare publicamente a sua fé é um “ayatollah”.

Primeiro vale a pena perguntar se essas críticas não terão razão de ser. Não existem ou existiram católicos que queimem livros, ideias e pessoas nas fogueiras ? Não houve ou há instituições da Igreja que aproveitem para acumular riquezas ilegítimas ? Não aparecem fundamentalistas, impondo à força as suas convicções, coagindo e até matando os que se lhes opõem ? Claro que sim.

Faz hoje precisamente um ano que o papa João Paulo II celebrou na basílica de S. Pedro o “Dia do Perdão”, penitenciando-se solenemente perante Deus, em nome de toda a Igreja, pelos muitos pecados cometidos por ela ao longo da História. Esta celebração foi o auge de uma preparação de todo o pontificado, desde a reabertura do processo de Galileu. A este marco histórico chamou o pontífice “Purificação da Memória”.

Mas, sem tirar nada ao profundo significado do dia 12 de Março do Grande Jubileu, deve dizer-se que ele se insere numa prática corrente dos cristãos. Afirmar-se pecador, pedir perdão e fazer penitência é um acto central da vida de qualquer discípulo de Cristo. Pode mesmo dizer-se que ninguém no mundo tem tanta consciência de que é pecador como o cristão. Por isso, o papa limitou-se a repetir, de forma solene, aquilo que os seus antecessores e todos os fiéis fizeram biliões de vezes nos últimos 2000 anos. As críticas à Igreja têm, pois, um indiscutível fundo de verdade. Ela não só sabe disso, como há muito que se penitencia e pede perdão.

Mas o mistério dos ataques não fica resolvido. Porque é evidente que as críticas feitas têm muito pouca validade, quer na História, quer aqui em Portugal. Nenhuma instituição, a não ser a Igreja, é responsabilizada por actos cometidos há séculos, em enquadramentos muito diferentes. Invocar a Inquisição para comentar as posições de católicos hoje é tão descabido como lembrar os crimes dos ostrogodos para criticar as posições alemãs na CEE.

A verdade histórica é que, ao longo dos séculos e apesar dos pecados, a Igreja tem sido uma força de solidariedade, renovação social, progresso humano e alegria contagiante. A caridade cristã esteve sempre na primeira linha do apoio aos escravos, aos índios, aos operários e aos oprimidos. Em Portugal, a assistência social privada é ainda hoje quase toda católica. A fé cristã inspirou a maior parte da arte, da ciência, das universidades ao longo da História. Foi ela quem salvou a cultura clássica e conseguiu civilizar os bárbaros e outros povos violentos. Mas o seu principal produto foi a alegria da esperança. A Inquisição, as Cruzadas, a corrupção da cúria papal são realidades, mas também claras excepções, sempre repudiados por todos, sobretudo na Igreja.

E temos de convir que, até no seu pecado, ela foi menos má que a envolvente. A Inquisição era um tribunal horrível, mas menos injusto e violento que os terríveis tribunais de então. As Cruzadas foram guerras execráveis, mas não tanto quanto as do tempo. A cúria papal corrompeu-se por vezes, mas menos que as dos príncipes de então. A História, livre de propaganda, mostra isto claramente. Sem tirar nenhum horror ao mal cometido.

Qualquer pessoa normal e equilibrada vê logo que as interpretações das posições católicas, feitas como são, constituem disparates evidentes. Nada nos princípios, na doutrina, no comportamento dos cristãos pode dar a entender que a sua finalidade é queimar livros ou pessoas, roubar ou prender o público. O Evangelho não é um Manual de Inquisidores, mas uma história de caridade e perdão. Na Páscoa, Cristo não foi acusador ou juiz, mas o réu e a vítima. O centro da Igreja foi sempre amor, esperança e fé, não roubo e opressão.

Mas, por outro lado, temos de notar que muitos que fazem estas interpretações são pessoas normais e equilibradas. Os ataques vêm, não só de sectores furiosos, mas de opinadores respeitáveis e ponderados que nos outros assuntos têm opiniões calmas e pertinentes. Porquê esta irritação insensata quando comentam temas religiosos ?

Para mais são defensores atentos da tolerância. Por isso, advogar apaixonadamente as virtudes curativas do alho, fazer campanhas vigorosas pelas cooperativas ou dedicar a vida ao ambiente, à arte ou à aeróbica é considerado digno, susceptível de louvor social e apoio público. Mas a fé é algo que, na melhor das hipóteses, as pessoas devem guardar para si, sem manifestações externas ou proselitismo. A tolerância descai logo quando se fala disto.

Existe, sem qualquer dúvida, uma irritação instintiva perante a religião. Invocar a Inquisição é uma desculpa. Alguns tentam elaborar, dizendo que Cristo até era um idealista simpático, mas a Igreja perverteu-o. Mas então porque razão Ele afirmou tão claramente que era Deus ? E porque esses mafiosos insistem em se chamar discípulos d'Ele ?

A única explicação para estes paradoxos é o facto evidente de Cristo ser uma pessoa supinamente provocadora. O apelo ao divino tem sempre algo perturbador para o ser humano. Mas que Deus tenha vindo meter-se connosco é a suprema subversão. Perante a pretensão de Jesus ninguém fica indiferente. Isso vê-se bem precisamente nestas reacções epidérmicas. E, no limite, no fenómeno do martírio que está presente desde sempre na vida da Igreja. Disso o papa tratou a 7 de Maio no Coliseu.

Diário de Notícias, 12 de Março de 2001